

LUTO NA ESCOLA: UM CUIDADO NECESSÁRIO¹

Patrícia Regina Moreira Marques²

Zeila de Brito Fabri Demartini³

Resumo: Este artigo trata de uma investigação sobre a presença e o processo do luto por morte nas escolas e, também, como professores, coordenadores e diretores podem apoiar estudantes enlutados. Um significativo índice de mortes de estudantes demonstra que o processo experimentado por estudantes enlutados é realidade presente nas escolas. Por sua relevância, entende-se ser fundamental que o tema seja considerado na educação escolar. Para a realização da pesquisa empírica, a investigação teve como campo duas escolas públicas da Grande São Paulo e 23 sujeitos, entre os quais professores, coordenador e diretores. Dentre estes, dez profissionais participaram espontaneamente da entrevista de aprofundamento. Por meio da análise de conteúdo dos relatos obtidos, foram construídas três categorias: significado em perder uma pessoa por morte; facilidades e/ou dificuldades em lidar com as questões de luto/morte na escola; papel de gestores e educadores frente às manifestações de luto entre estudantes na escola. Nesse artigo, abordaremos facilidades e/ou dificuldades em lidar com as questões de luto/morte na escola. As análises construídas a partir dos temas revelaram que alguns profissionais que vivenciam ou vivenciaram a dor pela perda por morte têm dificuldades em lidar com o tema na escola por não saberem lidar com essa situação. Outra questão considerada é a falta de apoio da escola e a falta de preparo dos profissionais ao lidar com o luto na escola. Os relatos apresentam a morte

interdita de jovens como uma realidade presente nas escolas e ocupando cada vez mais espaço.

Palavras-chave: Luto. Escola. Morte de estudantes. Cuidado.

Abstract: The present work deals with an investigation about the presence and the process of mourning for death in schools and also how teachers, coordinators and principals can support bereaved students. A significant rate of student deaths demonstrates that the process experienced by bereaved students is reality present in schools. For its relevance, it is understood to be essential that the issue be considered in school education. To perform the empirical research, the investigation was focused in two public schools at Sao Paulo Metropolitan area and 23 volunteers including teachers, principals and coordinators. Among them 10 professionals agreed to take part in a deep interview. The obtained statements have been analyzed, whose content was divided in three categories : the meaning of losing a person by the death; how easy or difficult is to deal with death or/ mourning issues in schools and the role of teachers and other education professionals work to face the grieving process among students in school environment. In this article we approach how easy and or difficult is to deal with questions regarding mourning / death in schools. The analyses obtained from the themes revealed that some professionals whom experience or experienced the pain of bereavement have difficulties in dealing with this theme at school, due to the fact they do not know how to handle this situation by themselves. Another question to be taking into consideration is the lack of school support and the lack of professional training to deal with bereavement in school. The reports have shown the abrupt death of young people as a present reality in schools and occupying even more space nowadays.

Keywords: Bereavement. Mourning. School. Death of students. Care.

Introdução

A morte apresenta-se como tema desafiador e difícil porque nos leva a uma reflexão existencial. O medo da morte, presente no ser humano, contribuiu para que o assunto seja tratado como distante da realidade. Ela, a morte, nos incomoda. Frente a ela nos sentimos nus, impotentes. Dificilmente aceitamos que a morte faz parte do desenvolvimento humano. Muitas são as indagações sobre a morte e o morrer. Elisabete Kübler-Ross (2000) dedicou sua vida às reflexões acerca do luto. Possivelmente seus estudos sobre os estágios do morrer sejam questões presentes em nossas indagações sobre o viver, e o morrer.

Estágios do morrer – implicações para o luto

Para Kübler-Ross (2000), são cinco os estágios presentes no processo do luto. O conhecimento desses estágios permite um entendimento maior do processo que o enlutado também poderá passar, uma vez que, seja ele próximo ou distante do moribundo, sofrerá o luto antecipado ou o pós-morte.

A relação inicia-se com o estágio chamado de **Negação**: a notícia é uma surpresa e aqueles que a recebem negam-na ou isolam-se, fugindo, muitas vezes, do convívio social. Negam aceitar que algo errado possa estar acontecendo. A **ira** é o estágio que substitui a negação por sentimentos de raiva, revolta e ressentimento. A raiva contra Deus, contra as pessoas ou a própria vida podem ser nutridas pelo sentimento de medo, traição (de Deus) e pelo descontrole emocional. Na **barganha** tenta-se negociar com Deus, na esperança de recuperar um passado não muito saudável com a pessoa que morreu. Na **depressão**, o paciente ou enlutado é tomado de sentimentos de grande perda

e experiências, sintoma clínico de depressão. A conscientização da morte, de que ela é inevitável, pode levá-lo/a ao desespero e a viver sem esperança. Na recuperação, a pessoa percebe que sua vida continuará com um novo ajuste e objetivos diferentes. Para algumas pessoas, esta fase é passageira, enquanto que para outras é longínqua, podendo levá-las à morte. No estágio **aceitação**, o paciente concebe que a morte se aproxima e que a possibilidade de cura em seu tratamento é impossível. Provavelmente desistindo de “lutar” com a morte, o paciente se entrega a ela. Kübler-Ross afirma que “[...] é como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento ‘do repouso derradeiro antes da longa viagem.’” (KÜBLER-ROSS, 2000, p. 118).

Muitas pessoas passam pela fase da depressão e entram na fase da aceitação. A pessoa entende que vai morrer, mas tem uma perspectiva sobre a sua morte. Essa perspectiva tem muito a ver com o centro de sua vida, suas crenças, sua fé, sua teologia. Outros fatores importantes são o tipo de apoio da família, de amigos e também de grupos de apoio. O que diferencia a enlutado e o paciente nos estágios da morte obviamente é a interrupção da vida daquele que partiu. Enlutados vivenciam esses estágios e a esperança pode ser uma perspectiva de motivação em continuar vivendo. Fazer do sentimento de saudade novas perspectivas de vida pode ser fator desencadeante para a elaboração do luto normal.

Luto normal e patológico

As reações apresentadas durante o processo do luto diferem de pessoa para pessoa. Não se fala dessa ou daquela reação como certa ou errada, positiva ou negativa. As reações podem, no entanto, serem consideradas como características de luto normal ou patológico. Algumas pessoas que vivenciaram lutos

indagam se suas reações diante do sofrimento são normais. As implicações que as reações trazem à sua nova maneira de viver, agora sem o seu ente querido, refletem-se no dia a dia e são perceptíveis nas várias alterações que provocam não somente na rotina, mas no físico, no emocional, forma de conceber o sentido da existência. Conforme Freud, algumas pessoas reagem de maneiras diferentes frente ao luto.

[...] o luto é uma reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica. (FREUD, 1984, p. 108).

Freud menciona a perda desconhecida que se produz na melancolia. Isso nos leva a relacionar a melancolia com a perda do objeto que é subtraída a consciência. É um processo duplo pelo qual o indivíduo vai se constituir, a partir da perda do primeiro objeto.

Diferenciações entre luto normal e patológico

Franco (2002) pontua que, de acordo com a *American Psychiatric Association*, o luto normal não é considerado doença mental. No luto normal, reações adversas diante do sofrimento são consideradas normais e mesmo esperadas. Entre essas reações encontram-se quadros depressivos com alguns sintomas, como insônia, diminuição de apetite e perda de peso. O quadro compilado por Franco (2002) exemplifica características importantes no processo de lutos normais e patológicos:

Quadro 1 – Diferenciação entre o luto normal e o luto patológico

LUTO NORMAL	LUTO PATOLÓGICO
1) Identificação normal com o falecido.	1) Identificação excessiva e anormal com o falecido.
2) Pouca ambivalência para com o falecido.	2) Maior ambivalência e raiva inconsciente para com o falecido.
3) Choro; perda ou aumento de peso; libido diminuída; retraimento; insônia; hipersonia; irritabilidade; concentração e atenção diminuídas.	3) Similar ao luto, em relação a qualidade, mas com maior intensidade.
4) Ideias suicidas raras.	4) Ideias suicidas comuns.
5) Autoimposição de culpa relacionada ao modo como o falecido foi tratado.	5) A autoimposição de culpa é global.
6) Ausência de sentimentos globais de inutilidade.	6) A pessoa pensa ser inútil ou má em termos gerais.
7) Evoca empatia e solidariedade no médico.	7) Geralmente evoca aborrecimento e irritação médica.
8) Com o tempo, os sintomas cedem; autolimitados desaparecem de uma maneira geral em seis meses, podendo se estender até ao redor de dois anos.	8) Os sintomas não aliviam com o tempo, e podem piorar, podendo persistir por vários anos se não tratados.
9) Vulnerabilidade a doenças físicas e psíquicas.	9) Vulnerabilidade a doenças físicas e psíquicas.
10) Resposta a reassseguramento e contatos sociais.	10) Ausência de resposta a reassseguramento; afasta contatos sociais.
11) Não ajudado por medicamentos antidepressivos.	11) Ajudado por medicamentos antidepressivos.

Fonte: dados apresentados por Franco (2002, p. 136).

Conhecer as características do luto normal e patológico também conhecido como complicado proporciona requisitos prévios que podem contribuir para uma melhor compreensão do processo do luto no contexto escolar.

Morte e luto na escola

A morte escancarada bate a nossa porta a cada dia, não escolhendo gênero, idade, nível cultural ou econômico. Diversas e diferentes imagens mostram a morte desencadeada por acontecimentos drásticos que resultam na morte precoce de adolescentes e de jovens. Para Kovács (2003a), é necessário pensar na ampliação do escopo da educação para a morte numa sociedade em que a morte interdita se torna cada vez mais presente. Como enfrentar esse desafio? Essa questão reforça que cabe a escola também construir caminhos novos com alunos enlutados, pois reencontrar o sentido da vida é um desafio em situações de perdas e luto. Se no processo do luto não houver apoio necessário, certamente o luto se tornará patológico.

Algumas possibilidades de abordagens do tema com estudantes enlutados

Conforme Paiva (2011), a literatura é um caminho que oferece reflexão, aprendizado, indagações e até mesmo respostas que abarcam a morte, o morrer, a dor e a luta no luto. Para esta autora, não há idade específica para se utilizar a literatura infantil. “A história se faz na vida de cada um. Cada um se faz na história.” (PAIVA, 2011). A importância da literatura infantil como recurso

para abordar a temática da morte torna-se significativa, pois possibilita uma comunicação aberta com o estudante e oportuniza o diálogo de uma forma natural. Para ela, as perguntas surgem de acordo com as dúvidas. Conforme Cagneti e Zotz (1986 apud PAIVA, 2011, p. 75), “[...] a leitura é fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e o mundo.” Histórias podem tocar, sensibilizar, comover pessoas que enfrentam o luto. Cabe ao educador fazer com que essa realidade se torne possível. Como educadores, somos chamados diariamente à ação “humanizadora do ser”, e essa ação pode também ser realizada no enfrentamento do luto, ao apoio a estudantes enlutados. Reencontrar o sentido da vida mediante situações de morte, dor, perdas e luto pode ser um caminho percorrido por meio do imaginário possível que as histórias proporcionam. Abramovich (1999, p. 17) concebe que o uso de história nos leva a:

[...] suscitar o imaginário, ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, encontrar ideias para solucionar questão... É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos nós vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que serão defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo)... É cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele vivido pela criança), e assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... É ouvindo histórias que também se pode sentir emoções importantes, como tristeza, raiva, irritação, bem-estar, medo, alegria, pavor, insegurança, tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. Ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Nos estudos de Paiva (2011), a importância da literatura infantil como recurso em abordagens na temática da morte são considerações relevantes e que precisam ser conhecidas e praticadas por aqueles que desejam oferecer suporte, consolo, ajuda a pessoas enlutadas. Concordamos plenamente com Paiva (2011, p. 81) quando afirma que “[...] a literatura só tem valor quando o que se lê acrescenta algo de importante na vida do leitor.” Ainda afirma que “[...] a riqueza em se trabalhar com histórias é poder entrar na brincadeira ‘do faz de conta.’” Com os argumentos apresentados, o convite é para mergulharmos no mundo mágico da literatura e construirmos uma relação humanizadora com nossos alunos. O suporte em situações que envolvam a morte e o luto pode ser um caminho possível de ser trilhado.

Kovács (2003b) apresenta uma abordagem da temática do luto, morte e perdas, mostrada pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), que realiza pesquisa na Escola de Aplicação da USP, via programa de Iniciação Científica, utilizando-se da série de filmes do Projeto Falando de Morte. O projeto trata-se de recursos audiovisuais que possibilitam reflexão e abordagem com a temática da morte, especialmente aos públicos infantil, adolescente e idoso.

O projeto tem como objetivos principais a produção de filmes com roteiros e imagens que facilitem a sensibilização e a comunicação entre o tema da morte; proporcionar que os filmes sejam instrumentos facilitadores para a discussão da temática da morte em diversos locais, como escolas, hospitais e domicílios (KOVÁCS, 2003b, p. 133). O último DVD da série, lançado na I Jornada de Luto e Morte, realizado na USP em maio de 2012, completa a série sobre a temática “Falando de morte na escola”. O filme é direcionado a estudantes que passam por situações de perdas e luto. A proposta do LEM é para uma discussão sobre o tema abordado, em que a opinião dos estudantes que assistiram

ao filme pode ser o início de um diálogo, tendo o próprio filme como tema facilitador para a comunicação.

Confrontos enfrentados – a dura realidade

A partir dos relatos da pesquisa realizada, constatamos algumas dificuldades encontradas pelos entrevistados: a falta de apoio no momento em que também passam por um luto é uma questão abordada; a falta de apoio e preparo para lidar com a temática na escola também é uma realidade; não saber lidar com o próprio luto dificulta a abordagem do tema com os alunos; não conseguir ressignificar a vida com a ausência da pessoa perdida é mais uma das dificuldades encontradas não somente para retomar a vida na escola, mas em um sentido amplo. Para alguns profissionais, a religião é uma questão que pode dificultar a abordagem do tema, pois cada um tem uma concepção acerca da morte.

Outro dado importante que constatamos é a possibilidade que a temática da morte proporciona repensar acerca do caminho trilhado. Nesse sentido, a morte do outro faz com que pensemos na nossa trajetória de vida. Lidar com a morte como parte do processo da vida parece ser um desafio para alguns dos entrevistados. Destacamos o relato de um dos diretores:

[...] eu acho que o que **dificulta é a insensibilidade mesmo quanto a esse tema**, eu acho que [...] **não adianta pensar ou não pensar**. [...] **A insensibilidade é o que dificulta**, e a natureza humana é o que faz parte, é o que eu disse, tem que ser completada, **a gente tem que se educar para**. (Grifo da autora).

Para ele, a dificuldade maior está na insensibilidade que o próprio tema proporciona. Essa questão deveria ser trabalhada

com uma educação voltada para situações que levam o ser humano a refletir acerca do tema. Ao relatar a insensibilidade, o diretor aponta a questão do limite de cada pessoa.

Ao afirmar: “[...] a gente tem que se educar para [...]”, o diretor nos aponta o que Kovács (2003b, p. 155) propõe a respeito de uma educação para a morte:

[...] como pensar a educação para a morte no novo milênio, o que propor? Devemos pensar na ampliação do escopo da educação para a morte numa sociedade onde convivem a morte interdita, a busca da sua reumanização.

Entendemos que a “educação para”, como nos fala o diretor, é uma das maneiras de se intervir educando para a vida. Nesse sentido, podemos entender que a proposta do diretor consiste uma maneira de levar os alunos a refletirem sobre a possibilidade de a morte estar presente no cotidiano que os cercam, com o enfoque de que algumas reflexões que podem de certa forma tornar-se atos preventivos, como no caso do bairro, o tráfico de drogas e as violências geradas por diferentes motivos.

O programa de tutoria que a escola realiza com professores voluntários e grupos de alunos também voluntários forma uma ação significativa de cuidados que podem ser discutidos e, assim, gerar novas posturas em relação a diferentes situações, inclusive de mortes, e lutos. Esse mesmo professor aponta algumas facilidades ao lidar com o tema, entre elas:

[...] a natureza humana, ela tá ali e [...] e a coisa tá pra ser encarada, ser uma pessoa serena, tranquila, e [...] no final da sua vida, ela consegue até dar esperança pra aqueles que ficam, entendeu? E a maior parte traz desespero pra todo mundo, né, a gente precisa aprender com isso, falando sobre. (Grifo da autora).

A contribuição de Sung (2005), ao afirmar que uma das dificuldades em lidar com o tema da morte é o nosso limite, permite entendermos algumas pontuações apresentadas.

A nossa dificuldade em aceitar a nossa condição vem do fato de que ela nos lembra dos nossos limites, não somente o do conhecimento ou da realização dos nossos desejos mais corriqueiros, mas também do último limite, o insuperável, aquele que sempre nos recorda que somos seres humanos e não deuses: a morte. (SUNG, 2005, p.108).

O relato do diretor aponta o diálogo como uma maneira de enfrentamento do desafio que o próprio tema propõe. Essa escola realiza algumas ações, não sistematizadas, na tentativa de proporcionar momentos aos alunos para uma reflexão sobre a vida, sobre atos de solidariedade e, o mais importante, momentos nos quais os alunos conversam sobre os mais diferentes assuntos, inclusive sobre a morte (quase que diária) de alguém da família ou pessoas próximas ou conhecidas, moradoras da comunidade próxima da escola. Educação para a morte nessa escola é formada por ações, como uma caminhada pela Paz realizada uma vez ao ano (em 2012 completou a 14ª caminhada Sou da Paz), com o apoio da comunidade local e com adesões de outras escolas próximas.

Conforme descrição de uma professora entrevistada, a dificuldade está na banalização da morte, por ser uma situação presente diariamente na vida dos alunos:

[...] as dificuldades também, não porque no ambiente escolar, as crianças também estão acostumadas com o dia a dia, com o impacto das coisas, com atropelamento na rua, com aquela violência que é gerada lá fora, então, esse desenho de violência tá muito inserido na vida

deles, então a morte é mais uma consequência disso, que pra eles, eu acredito, que a meu ver faz parte da rotina, muitas vezes eles presenciam na comunidade em que eles vivem.

Para Kovács (2010, p. 145), “[...] a morte escancarada ocorre nas situações de violência, na rua, e tem crescido de forma significativa nas cidades pelos homicídios, acidentes que infelizmente, vitimam mais os jovens.” Não banalizar a morte torna-se essencial em situações de enfrentamento de situações de limite de vida. Conviver com a morte interdita seja um desafio.

Nas palavras de Kovács (2003a), encontramos um suporte que pode ser uma superação para esse desafio:

Não temos uma resposta simples, única, total, dogmática e padronizada, e, sim, a possibilidade de busca inerente ao ser humano que, mesmo esmagado por uma sociedade desumana e massificadora, pode florescer e se desenvolver.

Em relação às facilidades que o tema proporciona, uma professora dessa mesma escola afirma: “[...] **um fator que facilita pra mim é tratar desse assunto no recinto escola**, por ser **um local onde** o aluno convive boa parte do tempo; **a escola faz parte da história deles, pois é um ambiente, um recinto onde a própria pessoa convive.**”

A importância da educação para a morte é um assunto que necessita ser tratado e repensado conforme a experiência e necessidade de cada escola. É de suma importância que essa temática seja abordada no contexto escolar, visto que a possibilidade da morte entre estudantes é uma realidade já vivenciada em algumas escolas, como foi apresentada na pesquisa por meio dos relatos dos profissionais. A morte interdita é uma realidade presente.

Desta forma, torna-se de grande importância uma formação continuada para professores, preparando-os para lidar com o enfrentamento de diversas situações, inclusive o luto por morte. Educadores devidamente orientados podem realizar ações de apoio a estudantes enlutados.

Constituir-se educadores se faz ao decorrer do tempo, de experiências somadas e vividas. Envolve o âmbito de conhecer-se e conhecer o próximo. Educadores podem realizar em conjunto ações afetivas e efetivas como apoio no processo do luto. A esperança é construída no encontro da dura realidade da perda com a possibilidade de continuar a caminhada, perfazendo momentos difíceis, mas também de um novo sentido de vida.

Certamente, muitos desafios abrem novas possibilidades para a pesquisa sobre o processo do luto no contexto escolar. A trajetória da pesquisa realizada permite que outros diálogos sejam travados e novas descobertas sejam trilhadas. Por isso, essa pesquisa pode ser uma contribuição para novas discussões e o tema da mesma não se esgota nesse trabalho.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

FRANCO, M. H. P. **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas: Livro Pleno, 2002.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003a.

_____. **Educação para a morte:** temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b.

_____. A morte no contexto escolar: desafios na formação de professores. In: FRANCO, Maria Helena Pereira. **Formação e rompimentos de vínculos:** o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

_____. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para as crianças.** São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

SUNG, J. M. **Sementes de esperança:** a fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005.

Páginas eletrônicas

AMIGOS DO ZIP. Disponível em: <<http://www.amigosdozippy.org.br>>. Acesso em: 4 maio 2011.

ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER. Disponível em: <<http://www.vivaedeixeviver.org.br>>. Acesso em: 29 out. 2011.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE A MORTE. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lem/lem.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

Notas

¹ Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo.

² Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora de Pedagogia na Universidade Metodista de São Paulo. Contato: <patricia.marques@metodista.br>.

³ Orientadora da Dissertação de Mestrado “Luto na escola: um cuidado necessário”.